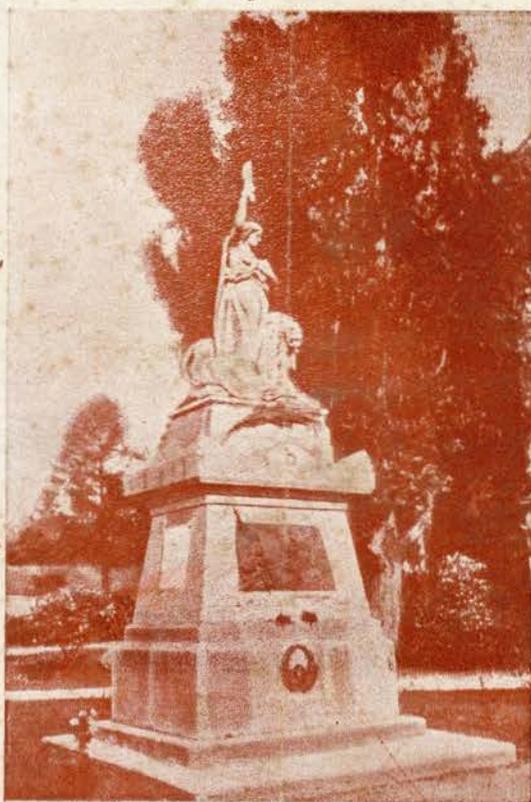


4/2/1936

SEMANA PORTUGUESA



ANO IV
N. 15

2.ª (Série)

Arte
Crítica
Turismo
Literatura
Actualidades

31
JANEIRO
1936

1\$50

Casa

Lino



TELEF.

2 7066

MARCA REGISTRADA

TUDO PRONTO A VESTIR

Pechinchas!

Pechinchas!

Pechinchas!

Capas de cabedal de	1.000\$00	a	500\$00
» de cabedal de	600\$00	a	300\$00
»	300\$00	a	150\$00
Casacos cabedal de	250\$00	a	120\$00
Gabardines de la de	450\$00	a	240\$00
Sobretudos e gabardines de	300\$00	a	150\$00
Sobretudos de	150\$00	a	60\$00

NOTA IMPORTANTÍSSIMA

Estes preços são durante esta semana.

E comprando lotes de 6 peças, sai uma quasi de graça.

Rua Eugénio dos Santos, 9, 2.º Direito

CASA LINO

LISBOA

Arte, Crítica
Turismo
Literatura
Actualidades

Semana portuguesa

Administrador: ARTUR DO AMARAL
Redacção e Administração:
RUA ALVES CORREIA, 155 — LISBOA

Direcção e propriedade de
CARLOS DO AMARAL

Edição de «O CONCELHO DE MAFRA»
VENDA DO PINHEIRO — Oeste
Telefone Malveira 19

1891 — 31 DE JANEIRO — 1936

Quarenta e cinco anos vão decorridos após o desenrolar da 1.^a tentativa realizada para a proclamação da Republica em Portugal. Ha vinte anos, o falecido e vibrante propagandista e escritor primoroso que foi Mayer Garçon, analisava num magnifico artigo que escrevera para «A Capital», a psicologia desse movimento, emitindo conceitos que ainda hoje perduram e que vamos reproduzir em homenagem aos heroes dessa data historica e ao seu saudoso comentador:

«Apenas algumas horas faltarão, quando este jornal circular, para se estar completando o vigésimo quinto aniversario sobre o primeiro movimento republicano que em Portugal se registou.

Um quarto de seculo é já mais que suficiente, para fazer completamente a história desse acontecimento com todos os seus detalhes, pelo menos para tirar dêle, com exactidão e serenidade, toda a lição que ele comporta.

Ha vinte e cinco anos que, pela primeira vez, a bandeira da República se desfaldou na nossa terra. Ela desapareceu então numa fumada de polvora. A sua haste foi cortada pelas balas. Caiu, cobrindo o corpo de generosos lutadores que por ela tinham caído tambem, sob a fusilaria monarchica. Deixou de ser um belo estandarte para ser numa nobre mortalha. Menos de vinte anos depois, a mortalha dos vencidos volvia-se de novo num pendão, que desta vez foi o dos vencedores.

Seria, porem, um erro supôr que essa aparição instantanea da bandeira da República, na fria madrugada de 31 de Janeiro de 1891, transparecendo entre as neblinas na velha cidade do Porto, onde a patria teve o seu berço, não representou uma condição essencial de triunfo definitivo do 5 de Outubro de 1910. Na realidade, essa aventura não representou uma derrota. Foi antes uma preparação. E tanto assim que desde esse dia nunca mais em Portugal deixou de existir um pensamento de insurreição, germinando, rebustecendo-se a toda a hora. A revolução republicana, desde 31 de Janeiro de 1891, não fez senão marcar successivas «etapes» em Portugal.

A principal razão desse facto é que a revolta do Porto, — «definiu».

Até então, com efeito, em todos os incidentes politicos da vida portuguesa, a opinião publica mostrara conservar esperanças em que a monarchia constitucional ainda podesse resolver os problemas nacionais, senão satisfazendo integralmente o espirito liberal pelo menos contentando-o, e levando-o por isso áquela transigencia do absoluto dos seus principios que era um dos termos do pacto estabelecido entre o regimen dinástico e a aspiração democratica. O 31 de Janeiro veio provar que todas essas esperanças tinham desaparecido. Entre o povo e a monarchia já não podia haver senão uma guerra de morte.

E todavia esse povo fizera o mais largo credito ao constitucionalismo monarchico. Houve partidos, militando nesse regimen, que tiveram uma aura popular. A sua constante defecção, provocada pelo servilismo ao trono, acabou, porem, por extinguir essas dedicações. Um dia chegou em que o paiz procurou no campo monarchico um partido ou um homem que ainda não houvessem traído a sua confiança, e não os encontrou.

O «ultimatum» surgiu, infligindo ao brio nacional o golpe mais doloroso que uma geração experimentara. Todos os partidos monarchicos, todas as individualidades do regimen, eram responsaveis pela situação a que nos arrastara a nossa humilhante fraquesa. E então o povo, o paiz inteiro, lançou os olhos para longe do campo monarchico, e uma voz intima clamou ao seu peito esta palavra de esperança e de vida, este nome de resgate e de futuro: «Republica!»

Havia vinte anos que meia dúzia de homens, apodados de lunáticos, quasi considerados doidos, tinham começado a fazer em Portugal a propaganda



31
JAN.^o
1891

PORTO

31
JAN.^o
1936

dum regimen novo. Lenta e difficil propaganda num pais povoado de analfabetos! Para que essa propaganda desse resultados fortes, para que a predica dos doutrinários grangeasse uma multidão enorme de adeptos, seria preciso primeiro ensinar a ler quasi um povo inteiro. Mas há alguma coisa que faz irradiar o pensamento com uma rapidez a que a palavra falada ou escrita não atinge. Há a acção. A acção esclarece, ilumina, conquista. É que a acção é a própria vida. No dia 31 de Janeiro de 1891 a República entrou em acção, e desde esse momento a República ficou sendo conhecida de todo um povo. A República era qualquer coisa de melhor, de mais nobre, de mais elevado, electrificante como a esperança, poderosa como a fé, casta como a alma. A República era alguma coisa pela qual se lutava, pela qual se morria. O sentimento popular vibrou. A República ficou consagrada. Estava definido o remédio aos males da Pátria. estava aberto o caminho para a libertação das consciências.

Até esse dia, a República fôra a abstracção. Daí em diante, concretizou-se. Animou-a uma vida própria. A monarquia julgou tê-la fusilado. Pensou que a exterminara definitivamente. Foi quando ela começou a viver, tomou aparência real, quasi diríamos se corporizou. Teve uma forma, como tinha um espirito. Como dizia aquele obscuro soldado julgado nos tribunais de Leixões, ela devia ser uma coisa santa para que tanto electrísasse o coração!

E sendo desde esse dia que a República penetrou na alma Popular, também desde esse dia ela entrou no dominio da vital acção. Os lunáticos do Páteo do Salema só pensaram conquistar laboriosamente alguns espiritos. Após a revolta do Porto os republicanos não pensaram senão em triunfar de facto, esmagando o regimen que julgara esmagá-los a eles. Nesses vinte anos que decorreram até à implantação da República, o pensamento da acção dominou todos os seus verdadeiros adeptos. Não se cessou de conspirar, não se cesou de pensar em adquirir armas com que vibrar um golpe mortal ao coração casto da monarquia. Sem dúvida esses homens de acção eram poucos, os republicanos encontraram-se reduzidos em número após a jornada de 31 de Janeiro, mas os que tinham ficado eram de boa tem-

pera. Eram legionários. Já em 1894 quando se fez a coligação liberal, o pensamento dos republicanos era aproveitá-la para a revolução. Em 1897, a conspiração Bazilio esteve a ponto de a desencadear. Dois ou três anos depois, quando a política nacional se agitou por causa do convenio, o movimento gorado dos officiaes da marinha, em que entrava Candido dos Reis, tinha a participação republicana, que tendia, como sempre, a dar-lhe um caracter revolucionário. Em 1906, a revolta da marinhagem tinha, latente, o espirito republicano. Em 1908, uma vasta conspiração, fraccassada em 28 de Janeiro, esteve a ponto de transformar as instituições portuguezas. Finalmente em 1910 a revolução rebentava, e triunfava.

A revolta de 31 de Janeiro de 1891 não é pois um acto isolado. Ele constitui o inicio da acção revolucionária. Por isso é grande. Os seus homens, fieis, foram os precursores. Não há ideia que os não tenha; na doutrina e na acção. E a alma do paiz esteve sempre com eles. Desde 1891 que nunca mais houve esperança na regeneração da monarquia. Só a houve, dum a outro extremo de Portugal na implantação da República.



A questão definia-se. O povo começou a ver claro na situação. E divorciou-se totalmente da monarquia. Não há regimen que subsista quando esse divórcio se estabelece. Desde que tal resultado se obtem a ideia que provocou esse divórcio marcha, a passo de carga, para o seu triunfo.

Foi o que suceden entre nós, e por isso mesmo a data de hoje é merecidamente glorificada. Na realidade ela é a maior da nossa história. O facto de a República, no seu primeiro tentamen, não ter obtido a vitória completa, não significa como já disse, que ela fosse derrotada. Não há derrotas que não sejam o esmagamento. Quando, dum campo de batalha, uma ideia se ergue, ensanguentada, mas purificada pelo sacrificio, iluminada pelo heroismo, essa ideia está mais viva do que nunca, tem mais vida do que nunca, tem mais certa do que nunca a vitória. Foi o que succedeu.

MAYER GARÇÃO

PEÇA SEMPRE
Trosilina para todas as limpezas

UM PRODUCTO
BAYER

Trosilina
DESINFECTANTE
E PURIFICADOR

Carta



da

Semana

Maria, Anda o mundo revoltado,
 Hã conferências na Sociedade das Nações ;
 A hora é muito grave e há complicações,
 Na China e na Hespanha aqui ao lado.
 Em Genebra reúnem comissões,
 Aos treze, dezoito, vinte e trinta e um ;
 Resultados positivos . . . amôr, não há nenhum,
 Aqui é que desceram as contribuições,
 Não te espantes porém ; de novo há muito mais,
 Aumentaram aos Servidores do Estado, vencimentos ;
 Em troca não recebem mais emolumentos,
 Os mapas são á bicha, em todos os jornais,
 A massa anda aos montes, os orçamentos,
 Distribuem os contos aos milhares ;
 Cento e cincoenta mil só p'ra militares,
 Incluindo soldados, cabos e sargentos,
 A marinha também vai ser dotada,
 Com esta notícia até te enroscas ;
 Yão dar-lhe três casais de moscas,
 Daquelas que se usam na armada.
 Dizem que até voam as bichinhas,
 Levam três canhões e polvora nos paioes .
 Destinam-se a correr com os espanhoes,
 Que salvo seja nos roubam as sardinhas.
 Mas há mais coisas Maria, p'ra dizer,
 Vão construir aqui mais cemitérios ;
 Tudo isto às claras . . . sem mistérios,
 Não é como se diz p'ra inglês ver.
 Podes morrer se quizeres, nessa altura,
 Porque há vagas até para os miúdos :
 Sem que tenha que pagar duzentos escudos,
 Pela transferência da tua sepultura.
 Podes alegrar te com tanta novidade,
 E pede a Deus, a vida do Doutor ;
 Que pensa até de noite, o bem da sociedade,
 E nada pede em trocr, meu amôr.

L A R A M A

OFICINAS DE SERRALHERIA

DE

Neves, Simões & Antunes

Fabricantes de Fogões em todos os sistemas e dimensões

Fogões para hotéis e casas particulares em todos os tamanhos, com caldeiras de pressão e distribuição de águas quentes para banhos e outras aplicações e suas instalações,

Encarregam-se de todos os trabalhos de Construção Civil, Soldaduras a autogénio, Fechaduras de fechos ao alto, assim como todos os trabalhos concernentes a estas indústrias.

AQUECIMENTO CENTRAL - CHAUFAGES

12, 14, Calçada do Garcia, 26, 26-A
 TELEFONE 2 7971

A PRAIA DO SOL

CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

MUSSOLINI lembrou-se um dia de que a população de Roma, por conselho medico autorizado, necessitava nos meses de Junho, Julho e Agosto, ir até ao mar para se confortar, robustecer e alegrar. E o *Duce* se assim o pensou, melhor o fez.

A 33 quilómetros de Roma junto á antiga Ostia dos romanos, ordenou que surgisse com opulencia e elegancia uma grande praia; e sem demora, graças á sua ferrea vontade, inaugurou-se solenemente uma admiravel estancia maritima em lugar previamente escolhido, capaz de receber 80.000 banhantes instalados com conforto e proporcionando-lhe os divertimentos da praxe.

O plano de urbanização de Ostia-mar foi traçado por mão de mestre, com singular intelligencia. Não se esqueceu o *Duce* de que Roma, capital da Italia, com o seu milhão de habitantes, *não merecia* uma praia acanhada, mesquinha, sem comodidade e, por consequencia, dotou-a logo e condignamente de edificios soberbos, estradas magnificas, casinos, restaurantes, hotéis e cafés e, a pouco e pouco, appareceram luxuosas vivendas.

O plano de urbanização a que todos se houveram de sujeitar, marcou amplas avenidas e praças, localisou criteriosamente os edificios do Estado e Municipais, as escolas, os grandes recintos desportivos, etc.

Ninguem se atreveu a comprometer, com ambições injustificaveis, a estética das avenidas e das praças. Pelo mar dentro avançou um enorme e artistico pontão em que se instalaram um excelente restaurante com *dancing* e alguns passatempos bem esgotados.

De Roma vai se para Ostia-mar em comboio especial electrico. Bastam 33 minutos para o tracto. E como nem todos gostam de viajar em comboio, Mussolini mandou abrir uma admiravel auto estrada pela qual marcham, sem limite de velocidade, a par seis automoveis! Em automovel, o percurso apenas dura 20 minutos.

Assim, no tempo estivo, as pessoas que não saem de Roma, após um passeio de 20 minutos, não se privam de gosar as delicias que as praias oferecem. E no inverno, em dias ou noites primaveris, Ostia-mar é ponto privilegiado para esplendidas excursões.

* * *



BARREIRO—Camara Municipal

Ostia mar de ano para ao progride e aformoseia-se, Actualmente é já considerada uma das melhores praias italianas. Não teme confronto até mesmo com Viarregio. Os ricos não se deslenham de construir *villini*, a gente elegante affluu e as classes trabalhadoras, principalmente ao domingo, se é certo que invadem a praia não é menos certo que não

prejudicam a concorrência das classes abastadas.

Ostia-mar, graças á sua organização, apresenta comodidades e atrativos ao alcance de todas as bolsas, o que é sempre condição apreciavel para uma praia se não reduzir a uma *colmeia* de gente *snob*.

Inútil será explicar sobre o argumento...

Mussolini concorreu directamente e em pessoa com entusiasmo para o progressivo, quasi vertiginoso desenvolvimento de Ostia-mar.

Conclue na 12.ª pagina

Electro Lisboa, Limitada

246, Rua Augusta, 248 Telefone 2 0568

Exposição dos últimos modelos das conhecidas marcas

R. C. A., PILOT E FILIPS



ELECTRO
LISBOA, Lda
246, R. Augusta, 248

TEATRO

Continua a preocupar seriamente a imprensa a crise que o teatro atravessa, atingindo enorme número de artistas que, de há muito, se encontram desempregados. As récitas que, de vez em quando, esses artistas tem promovido, apesar de fartaente concorridas, constituem um pequeno lenitivo aos males que affectam os que à Arte teatral se dedicaram e não podem, evidentemente prolongar-se eternamente, urgindo cura radical.

Est, afigura-se-nos, só poderá obter-se com medidas de protecção do Estado, pela abertura de mais um teatro, como S. Carlos, que, fechado como se encontra, nenhum rendimento produz ao erário público.

Organizada com os muitos elementos que existem sem colocação uma Companhia em que entrassem dos melhores nomes e igualmente tivessem applicação as muitas utilidades necessárias a um elenco atraente, amparada pelo Govêrno com a cedência módica dêsse grande teatro, não faltariam capitalistas que se aventurassem á realização e montagem de peças que, pela sua permanência no cartaz, garantissem artistas e empresários, satisfazendo o gosto do público pelo bom teatro.

LUCILIA SIMÕES

Nunca é demais lembrar o nome da notável actriz que no drama, como na alta comédia, tão distintamente interpreta os mais difficeis papeis, fazendo de cada um, mais uma corôa de glória na já longa série de personagens que tem feito viver na ribalta.

Nos primeiros palcos de Portugal, como nos do Brasil, terra onde nasceu, a gloriosa Lucilia Simões, tem sido no Teatro a digna descendente da saudosa Lucinda Simões que lhe deu o ser e o talento de representar.

Quantas vezes brilharam juntas nos nossos palcos essas rutilantes estrêlas da scena portuguesa!

Foram outras tantas noites de gloria para as duas grandes Artistas que num intimo abraço recebiam, alegres e satisfeitas as grandes manifestações de agrado que o público lhes dispensava.

«Semana Portuguesa», inserindo o retrato da insigne comediante e lidimo titulo de glória da Arte dramática nacional, apresenta-lhe as suas rendidas homenagens.



Lucilia Simões



Cremilda de Oliveira

CREMILDA DE OLIVEIRA

Anda há muito afastada dos nossos palcos a graciosa e distinta actriz Cremilda de Oliveira que, com a sua graça e talento deu brilho e relêvo extraordinários ao nosso teatro de opereta.

Se, em todas as peças em que representou, a sua interpretação foi feliz e credora dos aplausos vibrantes das nossas plateias, na «Casta Suzana», ao lado do saudoso José Ricardo e na «Viúva Alegre», com o notável tenor Almeida Cruz, Cremilda alcançou os seus maiores êxitos no teatro de opereta.

Se bem nos recorda, foi no Rio de Janeiro onde um dos grandes jornais da capital carioca abriu um interessante concurso, sobre qual a melhor interprete de Ana de Glavari, a impagável «Viúva Alegre» da linda opereta da Franz Lehar, (e tantas ali se exhibam, portuguesas, francesas e italianas), que Cremilda obteve um successo retumbante, tal foi a colossal diferença de votos que alcançou sobre todas as outras inteligentes e também notáveis interpretes da interessante personagem. Com a publicação do seu retrato, «Semana Portuguesa» formula o ardente desejo de todos os admiradores de Cremilda, de a verem reaparecer, como astro de verdadeira grandesa, no teatro de opereta.

Leia

PROPAGUEM
E
ANUNCIEM
NO



CONCELHO DE MAFRA

SEMANARIO ILUSTRADO
ORGÃO DE PROPAGANDA E DEFESA DO CONCELHO

Saúde Publica

HOSPITAIS CIVIS

HOSPITAL DE S. JOSÉ

Serviços de urgência

(BANCO)

Director Dr. Damas Mora

Cirurgiões de serviço

2^o—dr. Virgílio de Moraes

3^o—dr. Sacadura Bote

4^o—dr. Quintela

5^o—dr. José Paredes

6^o—dr. Manuel de Vasconcelos

Sabado—dr. Damas Mora

Domingo—dr. Carmona

Oto-Rino (Laringologia)

Director dr. Alberto Luiz de Mendonça. Terças, Quintas e Sabados ás 10 horas

Estomatologia

Director dr. Ferreira da Costa ás 2^{as}, 3^{as}, 5^{as}, 6^{as} e Sabados ás 9 horas da manhã

Pediatria Médica

Director dr. Leite Lage—assistente dr. Cordeiro Ferreira ás 2^{as}, 4^{as} e 6^{as} ás 10 horas

Oftalmologia

Director dr. Xavier da Costa ás 2^{as}, 5^{as} e Sabados ás 9 horas.

Maternidade de S.ta Barbara, Director dr. Moreira Junior—assistentes drs. D. Pedro da Cunha Manuel Moreira e Freitas Simões.

CLINICA MEDICA

Serviço n.º 1 Sousa Martins

Sala 1 (Homens) Director dr. Fernando Rocha, assistente dr. Cancela de Abreu.

As 2^{as} feiras ás 10 horas

Sala 2 (Mulheres)

Director dr. José Antunes dos Santos. Assistente, dr. Cancela de Abreu.

As terças e quintas feiras ás 14 horas

Serviço 2 Ribeiro Sanches

Sala 1 (Homens) Director dr. Simões Ferreira, assistente dr. Eugenio Mac Bryd

As quartas, Sextas e Sabados ás 10 e meia horas.

CLINICA CIRURGICA

Serviço n.º 3 Lourenço da Luz

Sala 1 (Homens)—Sala 2 (Mulheres) Director dr. João Paes de Vasconcelos, assistente dr. José da Cunha Paredes.

As Segundas, quartas, quintas e Sabados ás 10 horas.

Serviço n.º 4 Gregório Fernandes

Sala 1 (Homens)—Director dr. Carlos Craveiro Lopes—assistente dr. Virgílio de Moraes. As Terças e Sextas ás 8 horas da manhã.

Sala 2 (Mulheres)—Director dr. Damas Mõra.

As terças e Sextas ás 16 horas.

Serviço n.º 5 Manuel Constâncio

Sala 1 (Homens)—Director dr. Alberto Mac Bryd—assistente dr. Formigal Luzes.

As Segundas e Sextas ás 10 horas

Sala 2 (Mulheres)—Director dr. José Maria Branco Gentil.

Serviço n.º 6 Ribeiro Viana

(Urologia)

Sala 1 (Homens) Director dr. Artur Ravara

Assistente dr. Pinto Monteiro.

Sala 2 (Mulheres)—Director dr. Elisiário Ferreira—todos os dias úteis ás 10 horas.

Serviço n.º 7 Magalhães Coutinho

(Obstetricia)

Salas 1 e 2 (Mulheres)—Director dr. Costa Sacadura—assistente dr. Freitas Simões— todos os dias úteis ás 9 horas da manhã.

ÁGUA DA FOZ DA SERTÁ

VALE DA URSA

Hipo — Salina — Sulfatada — Sódica aluminosa
Única no País com esta composição química

MARCA REGISTRADA

Premiada com 10 medalhas de ouro e prata nas
Exposições Nacionais e Estrangeiras

NOTAVEL NA CURA DA DIABETES

Doenças do estomago, anemia, doenças intestinais, etc., etc. Análises química, bacteriológica e apreciações dos distintos clínicos Ex.^{mas} Srs. Dr. Charles Lepierre, Dr. Virgílio Machado, Dr. António de Lencastre e Dr. Alfredo Luiz Lopes, etc.

DÁ-SE VOLBETO NO DEPÓSITO GERAL

Rua dos Fanqueiros, 84 - 1.º

Telefone 2 6577

LISBOA

○ Marquês de Pombal

JA publicou a «Semana Portuguesa», numa das suas capas, a gravura do soberbo Monumento a Pombal, erecto, como admirável complemento ornamental, no extremo da magestosa Avenida da Liberdade e no centro de uma soberba praça que em nada tem de invejar as melhores da Europa.

Encontrava-se, porém, ainda incompleta a parte ornamental do Magnífico Monumento.

É por isso, que hoje novamente inserimos a gravura completa da estátua do Marquês de Pombal.

Nunca é demais falar do grande Ministro que deu nome e realce ao reinado de D. José I.

Sucedendo este monarca ao faustoso D. João V que, com a ostentação gastou quanto ouro rendera a Nação e quanto lhe adviera dos seus domínios, nomeadamente do Brasil, conseguiu pelos notáveis empreendimentos de Pombal, no seu reinado, uma era de progresso, e manter perante o estrangeiro um prestígio que, estava longe de corresponder à situação de pobreza em que ficara o País.

Herdeiro de um trono em que a vontade do Rei, mercê das excepcionais riquezas de que podia dispôr, era o supremo e único poder, concretizando entre nós o Absolutismo, apenas aliviado no que respeitava aos negócios com a Santa Sé e com a enormidade de padres e frades que enchiam os vários conventos, em que tanto ouro se esban-

jara, D. José I herdou, além da penúria do tesouro, as dívidas de soldos ao Exército, a miséria do povo e teve que lutar com a arrogância dos nobres e o poderio do clero.

Com o exame rápido de tal herança se pode avaliar facilmente da necessidade das medidas que eficazmente se podessem opôr a um tal estado de coisas. Encontrou D. José no seu primeiro Ministro Sebastião José de Cravalho e Melo, depois Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, o estadista que devia promulgar as reformas que conduzissem o Paiz a uma nova era de prosperidade e a restabelecer a Auctoridade do Poder central.

Verdade seja que este eminente homem de Estado, a quem nunca se perdoou a expulsão dos jesuitas, tem tido já quem afirme não serem da sua autoria as reformas que promulgou...

Para immortalisar o nome de Pombal, se não foram tantos actos de administração que impulsionaram o comércio as artes as industrias e a intrusão, bastaria a reedificação de Lisboa, derruida pelo terramoto de 1755.

Na eminência do seu pedestal no ponto mais alto da Avenida da Liberdade, ali está a sua nobre figura, evocadora de uma época, contemplando a magnífica obra do centro da cidade que elle fez reconstruir, sob um plano que ainda é soberbo após dois seculos de progressos em estética cittadina.

J. A.



#

António da Silva

TORNEIRO DE METAIS
COM
OFICINA METALÚRGICA

Executam-se todos os trabalhos de Torneiro de Metais
Canalisações para Agua e Gaz, Instalações Electricas
Esquentadores e Autoclismos, Niquelagem, Bronzeados, Dourados, etc., etc.

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA

Travessa de Sant'Ana, 9

(Próximo ao Largo de S. Domingos)

LISBOA

#

VIDA DESPORTIVA

UMA ENTREVISTA COM BESSODE BASTO

Quiz o acaso, numa visita a Lisboa, encontrar-mos Bessone Basto, e, sabendo que este desportista e antigo nadador é um dos principais influentes e dirigente das escolas de preparação de natação do famoso clube da especialidade, Sport Algés e Dafundo, julgámos interessante colher dele algumas impressões, ácerca dessa preparação e da natação do nosso Paiz.

E iniciámos a conversa:

—Qual é a sua impressão sobre o desenvolvimento da natação no nosso Paiz?

—Infelizmente não é tão boa, como seria para desejar, não só porque o numero de rapazes que se deviam dedicar a este desporto é insufficiente, como ainda, porque os que a ele se dedicam tem uma negação absoluta para se sujeitarem aos treinos de que carecem. Dahí o não haver maiores progressos.

Devo attribuir tambem a escassez de gente a este desporto, por trez motivos fundamentais:

1.º—A grande falta de piscinas no nosso Paiz;

2.º—O desleixo na educação da creança desde tenra idade;

3.º—O não ter sido creada, até hoje, a obrigatoriedade do ansino da natação.

Claro que hoje temos um maior numero de adeptos ao que havia em anos anteriores, mas isso só devido ao trabalho particular de cada clube o que não é suficiente. Ao Estado é que devia competir introduzir os gostos pelos desportos e muito principalmente pela natação, pela sua grande utilidade, obrigando as creanças desde a instrução primaria, a frequentar escolas de ginastica e natação. Isto é o que se pratica nas grandes Nações, pelo menos naquelas em que a civilização está posta na primeira plana. Antigamente, a todo aquele que não sabia nadar, era dado o mesmo grau de educação ao que não sabia ler nem escrever: o analfabeto.

No nosso meio, devo dizer, que só o Sport Algés e Dafundo trabalha com critério e tem interesse pela natação, condizendo a sua aprendizagem e as rigorosas inspecções dos seus socios, para aquilo que, de facto, a natação é creada: Para o revigoramento da raça.

—Já que falou em escolas de natação no S. A. D., diga-me: Como vão correndo as escolas de preparação nesse Clube?

—O melhor possível. Só com aquelas escolas se consegue desportivamente colocar os nossos nadadores em situação de mais tarde não envergonharem o nome portuguez, perante os estrangeiros que tenham com o adversarios. Se todos os clubes da especialidade e os que tem secção de natação, toma sem a serio a preparação dos seus homens, não se assistiria á pobreza de provas que se vêem no verão. Os campeonatos regionais e nacionais chegam a meter dó, tal a população desordenada de nadadores sem classificação que ali se apresentam.

Se os clubes, uma vez que lhe é facultado o ingresso na Piscina de inverno do S. A. D., impuzessem nos seus atletas a obrigação de se prepararem convenientemente no inverno, fariam com certeza no

verão uma figura regular e não sujeitariam rapazes que tendo condições excepcionais, se apresentem mal preparados, e até alguns, sem saber nadar.

A culpa é só dos dirigentes que os abandonam, abandonando deste modo toda a acção do clube.

Acresce ainda que, pela grande falta de pessoas competentes para dirigir a natação, esses homens iriam com o contacto permanente com nadadores de categoria superior, colher ensinamentos, que os seus proprios dirigentes desconhecem em absoluto.

Esta é tambem uma das razões fortes porque se produz lentamente.

—Diga-me: Tem esperanças nalguns novos nadadores do seu Clube?

—Tenho. E agora mais do que nunca, pelo resultado que me tem sido dado ver com a cuidada preparação a que se tem subme ido, registando com satisfação que os tempos baixam em todas as tentivas que temos feito, nos varios percursos. Entre algumas dezenas de rapazes que se encontram presentemente nos treinos de preparação, todas as esperanças estão hoje fixadas para os seguintes: Francisco Vasconcelos, Bessone Basto Junior, Eduardo Manaças, Oscar Cabral, Moniz Pereira, Silva Ribeiro, Mario Prista, Catalão, Simas, José Rosa, Manuel Camarinhas, etc., etc., estes principalmente, que baixando recorda todos os domingos, pela sua idade, bastante nova, prometem, num futuro proximo, ser de categoria superior.

Está provado que o tempo que nos separava dos estrangeiros que nos tem visitado, era motivado pela falta de preparação cuidada e bem dirigida para o aproveitamento de alguns segundos que se perdem, com más viragens e péssimos saltos de partida, juntamente com alguns defeitos de estilo, que só com muito tempo, paciência e muita atenção, se podem corrigir convenientemente.

Arriscámos ainda uma pergunta, quanto aos Jogos Olímpicos de 1936:

—Portugal, poderá fazer-se representar em Natação, nos proximos Jogos Olímpicos?

Isso nunca. Tal como se encontra hoje era vexatorio para nós portuguezes, no que respeita á natação pura. Sobre o Water-Polo estou de acordo que poderíamos participar, organisando uma selecção que fosse submetida a uma preparação de alguns meses e estou convencido que alem de ir aprender bastante em Water-polo e em natação no geral, não seria a ultima equipa classificada. Hão-de aparecer em Berlim equipas de water-polo, muito peores que uma selecção nossa. Mas isso nem se pensa nem se fala, por dois motivos:

Porque não existe uma Federação competente para tratar dos assuntos de natação e porque no nosso Paiz, parece não haver dinheiro para estas coisas.

Terminando devo dizer: Já que Portugal não pode deslocar uma equipa de nadadores aos jogos, propuzesse ao Comité Olímpico Portuguez, a viagem de duas pessoas a Berlim, estudar e colher elementos necessários e de mais aproveitavel para a nossa ainda depauperada natação portuguesa. **TARZAN**

N
a
t
a
ç
ã
o

A morte de Jorge V

CAUSOU o mais profundo pesar em todo o nosso Paiz a noticia do falecimento do Rei de Inglaterra e Imperador das Indias Jorge V.

O Governô Português que se fez representado nos funerais por uma Embaixada constituída pelo Sr. ministro da Guerra que foi acompanhado pelos seus ajudantes de campo, sr. capitão Carlos de Sousa Gorgulho e tenente Eduardo Madureira Proença; o sr. ministro da Marinha, pelos seus ajudantes srs. 1.º tenentes Gabriel Mauricio Teixeira e Henrique Ernesto Serra dos Santos Tenreiro; o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, pelo seu chefe de gabinete, sr. capitão Afonso dos Santos; o sr. general Vieira da Rocha, pelo seu ajudante, sr. capitão José Antonio Moraes; e o sr. almirante Oliveira Muzanty, pelo seu ajudante, sr. 2.º tenente João Sales Henriques; o sr. embaixador dr. Alberto de Oliveira, pelo sr. dr. Manuel Dantas de Oliveira, primeiro secretário da legação de Portugal em Paris.

Um suplemento ao «Diário do Governo» decretou luto nacional, fazendo para esse efeito publicar no dia 23 de Fevereiro o seguinte decreto:

Tendo em particular consideração os laços de estreita amizade e aliança que existem entre Portugal e a Gran-Bretanha, e em demonstração de pesar pelo triste acontecimento do falecimento de Sua Magestade o Rei Jorge V: Usando da faculdade conferida no n.º 3.º do art.º 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

E' decretado o luto nacional até o dia 28 do corrente inclusivê, em que se realizarão os seus funerais.

Por sua vez o sr. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, produziu naquela casa do Congresso, interpretando o sentir da Nação Portuguesa, o seguinte discurso:

«Como V. Ex.ªs sabem, faleceu ontem, pouco antes da meia noite, no Palácio Real de Sandringham, Sua Magestade Jorge V. Rei de Inglaterra e Imperador das Indias.

«Está de luto rigoroso a nossa velha aliada. Luto sentido e justificado, porque acaba de desaparecer uma grande figura politica e uma excepcional figura moral.

«Uma grande figura politica, pois que o Rei Jorge V. dentro das atribuições escrupulosamente constitucionais que a tradição britânica lhe assignava, não deixou nunca de pôr a alta influencia da sua soberania ao serviço dos mais sagradas interesses da Nação inglesa e — o que é mais ainda — ao serviço da causa mais justa que pode fazer pulsar

o coração de um condutor de povos: a causa da Paz,

«Uma grande figura moral, porque o Rei Jorge era a encarnação perfeita da honra, da dignidade, da nobreza espiritual, isto é, dos predicados que formam e definem o tipo acabado do verdadeiro «gentleman».

«Por todas estas razões, porque via no seu Rei o símbolo mais completo das virtudes da raça, todo o povo do Reino-União, incluindo os próprios adversários do regime, amava e estremecia o Chefe do Estado que acaba de falecer. O jubileu que se celebrou em Londres, há poucos meses, foi a demonstração eloquente dos sentimentos de carinho, de devoção e de respeito de todos os súbditos britânicos para com o seu soberano.

«Está, pois, de luto rigoroso a nossa velha aliada. Porque assim é, e porque há uma forte e secular comunhão de interesses e de sentimentos entre Portugal e a Grã-Bretanha, comunhão expressa e afirmada na mais antiga aliança de que o Mundo

tem conhecimento, porque as alegrias e os desgostos da Inglaterra são as nossas próprias alegrias e desgostos, é com o mais profundo pesar que assignalo o transe angustioso porque está passando neste momento a Nação Britânica e que, em meu nome e em nome da Assembleia Nacional, me associo à que faz sangrar, nesta conjuntura, o coração do povo inglês».

Entre as muitas notas que definem o caracter do famoso Rei destacamos:

E' que Jorge V foi, simultaneamente, liberal e tradicionalista, um rei prudente, ponderado, todo bom senso e razão clara. Antes de ser aclamado diziam-no extremamente conservador.

Reformou, democraticamente, a Camara dos Lords, confiou o Governo aos socialistas, foi árbitro entre partidos, acompanhou

os governos nas transformações indispensáveis para superar as terríveis dificuldades resultantes da guerra, viu sem temor a Grã-Bretanha deixar a clássica teoria do «esplêndido isolamento» e adoptar as luminosas doutrinas da colaboração internacional. No seu reinado, a Inglaterra atingiu a máxima grandeza politica e a máxima influencia na história contemporânea da Europa e do mundo.

Acima de tudo, Jorge V sabia compreender os homens do seu vasto Império — compreendê-los pela bondade, pelo coração, pelo amor, de maneira a, numa espécie de telepatia, poder interpretá-los, servi-los, orientá-los maravilhosamente.

Assim se fazia amar o grande Rei.



Sua Magestade o Rei Jorge V

A PRAIA DO SOL

CORDUSÃO DA 6.ª PAGIDA

Ali surgiu por exemplo, um magnifico aeroporto, ali se efectuam com frequencia, animadissimas festas desportivas, ali comparece algumas vezes, o *Duce* com olhos de curiosidade e intima satisfação.

A' volta de Ostia-mar existem já frondosos pinheirais que o *Duce* fez cuidar e plantar, de maneira que a sua salubridade é excelente sob qualquer ponto de vista que o encarem. Ostia-mar é reputada pelos médicos como «um pulmão de Roma a tonificar a sua população, robustecendo a estirpe». A frase não é nossa...

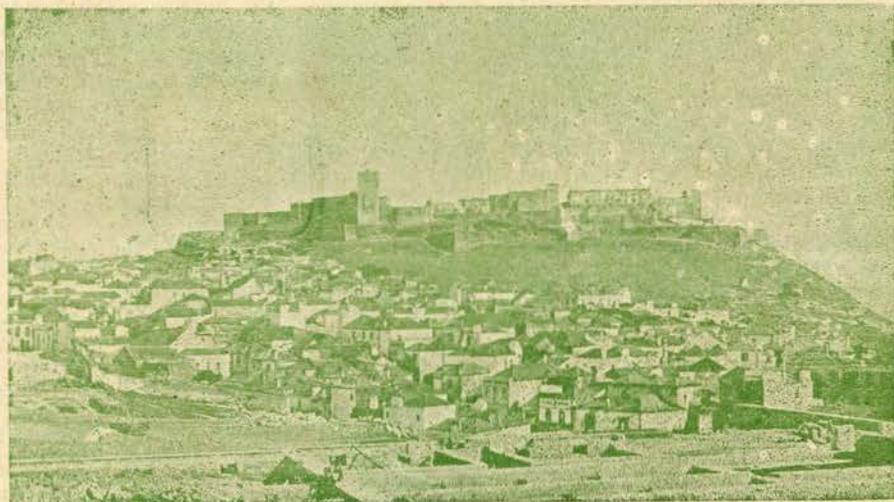
Por ultimo, um patriotico apêlo de Mussolini suscitou a applicação em Ostia-mar de avultados capitais por parte das companhias obrigadas *por lei* a converter parte das suas reservas em bens imoveis.

Nestas circunstancias é para desejar que os *fanaticos* da Praia do Sol não

esmoreçam nos seus patrioticos e louváveis esforços e que o Estado se decida encerrar o problema com interesse, não regateando a qualquer empresa, que se constitua para explorar a maravilhosa praia, aquelas *convincentes garantias* que se costumam, em todos os paizes civilizados do mundo, conceder a empreendimentos de tal alcance, e envergadura. E' assim que se faz turismo.

E' necessario executar o programa delineado para os aludidos esforços se não perderem, sem proveito para ninguem, a não ser para a cáfia de invejosos insignificantes, que os ha infelizmente.

EMYGDIO GARCIA (GABIR)



PALMEIA — Vista geral



VALADAS, LIMITADA

Telegramas — VALADEIRO
Oleo para lubrificação da marca «Valadoil»
(o mais poderoso lubrificante)

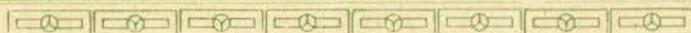
Escritorio: Calçada do Marquês d'Abrantes, 1 a 5 — Telefone P. B. X. 2 1224 2 1225

Armazem: Calçada do Marquês d'Abrantes, 27, 29 e 31

Avenida Presidente Wilson, 68, 70 e 72 — LISBOA

Filiais: PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 73, 75 e 77

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriseada, 31 e 33 — Telefone 103



RUY CHIANCA

ESCRITOR — POETA — DRAMATURGO — JORNALISTA — HISTORIADOR

Sob qualquer destes aspectos se pode encarar a maleabilidade do talento de Ruy Chianca, esse valoroso propagandista da nossa Pátria nas Terras de Santa Cruz. Não cabe, porém nos acanhados limites de artigo para uma revista um relato, por mais resumido, da colossal obra que deixou,

«Deus — que nas almas descobre
A humildade e a ambição —
Deu-me a santa inspiração
De pagar a cada pobre
Com o dinheiro mais nobre
Guardado no régio paço!...
Deus tem moedas formosas
— Vêde-as, Senhor, pois são rosas!»

(Da peça histórica «Rainha Santa»)



RUY CHIANCA

Marta — Não é caso p'ra morrer!...
Júlia — Não digo que não resista:
Mas que deve descançar!
Marta — Que me pode acontecer?...
Júlia — Eu sei lá... Faltar-lhe a vista
De todo!... pode cegar!...
Ezaruco — Noite e mais noite em redor!...
Marta — Cegar!...

(Da peça em verso «Triste Feia»)

enriquecendo a literatura nacional. Na magnífica revista «Portugal» que fundou e dirigiu no Rio de Janeiro e de que se publicaram 121 números, em tantas outras quinzenas, o talento fulgurante de Ruy Chianca, se revelava em qualquer das manifestações que apontamos no subtítulo deste artigo.

Melhor do que nós o poderíamos fazer, nos diz êle nas seguintes

. POESIAS E CAMINHO DO CEU .

que publicamos na pagina 16

Meu amor! Minha amiga! meu enlêvo!
No calvário da vida achei por fim
— Sabe Deus se é verdade o que te escrevo. —
Um momento de paz dentro de mim!

Vês essa velha ermida? Foi um santo
Que à torreira do sol a construiu.
Tem na sombra o remédio quebranto
Que até hoje a minh'alma consumiu!

Caminheiro perdido, ao longe a vê,
Se consegue alcançá-la — Deus louvado.
Repousa na tranquila gallilé
Junto às portas do céu, que tem ao lado!

Assim foi, na revolta do caminho.
Por onde vou rasgado dos abrolhos,
A redemptora fé de achar aninho
Na bemdita capela dos teus olhos!

17 — 2 — 924.

Olhos no céu e coração ao alto.
Quem é forte no qu'rer não renuncia!
Os abismos transpõem-se dum salto,
Sobre a lava d'amor que os alumia!

Opõe-se a treva ao temeroso assalto?!...
Rasga-me o peito a negra penedia?!...
Não sinto a dôr, na febre em que me exalto!
E sigo àvante, a conquistar o dia!

Lucendeia se ao longe o teu olhar!
— Fogo desta paixão, no céu a arder...
Meu tesouro de fé para lutar —

E eu sigo àvante encaminhando os passos
Para o sonho, inefável de viver
A suprema vitória dos teus braços!...

9 — 3 — 924.

COPECHAT Visualex

O mais perfeito e
económico livro de
fólias soltas

O LIVRO FICHEIRO DE FICHAS VI-
SIVEIS QUE MAIS VANTAGENS
OFERECE

Mudança da ficha automática

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.da
LISBOA PORTO

Rua da Prata, 145

Rua Sá da Bandeira, 339

Datas memoraveis em Janeiro

DIA 1:

1541: — *D. Estevam da Gama*, governador da India em sucessão de D. Garcia de Noronha parte para o *Mar Vermelho* com uma esquadra de 12 navios de alto bordo e 60 embarcações de remo a fim de queimar os navios turcos em fabrico no porto de Suez e destinados a baterem os portugueses na India. Dessa armada fez parte D. João de Castro, capitão dum galeão, que depois dela csereveu o celebre Roteiro do Mar Roxo,

DIA 4:

1817. — *Batalha de Catalão* — Luiz Teles da Silva, 5.º marquez de Alegrete, acoupanhou D. João VI na sua ida para o Brazil em 1807 e foi nomeado em 1811 governador de S. Paulo donde passou para o Rio Grande onde deixou memoria abençoada do seu nome: elevou a vilas as povoações de Mostardes e Cachoeiras, protegeu muito o desenvolvimento da povoação de Aparecidos que tomou então o nome de Alegrete e creou em toda a provincia muitas escolas de instrução primaria.

Começando a guerra de Montevidéu o marquez de Alegrete recebeu ordem de hostilisar o inimigo quando pudesse. Depois da tomada de Montevidéu, Artigas saltou a fronteira e o peso da guerra cahiu sobre o marquez de Alegrete que derrotou completamente o proprio Artigas na batalha de Catalão pondo termo á guerra.

Por este tratado a Espanha cedia a Portugal em troca da colonia do Sacramento, os *Sete Povos das Missões*, actualmente brasileiras.

1751: — *A preciosa capela de S. João Batista*, é exposta pela primeira vez ao publico na igreja de S. Roque de Lisboa; maravilha de mosaico, sagrada pelo papa Bento IV e cujo custo orçou por 2 milhões de cruzados.

DIA 14:

1649: — *Batalha das Linhas d'Eltas*.

DIA 17:

1884: — Formação da Real Academia dos Amadores de Musica iniciada e promovida em casa do dr. D'Korte, nesta data pelos seguintes socios dissidentes do Club Guilherme Cassoul: drs. Esteves Lisboa, e D'Korte, D. Fernando de Sousa Coutinho, Visconde da Atougua, Augusto Gerschey, Adriano de Castro, Agostinho Franco e outros amadores.

1895: — Chega a Lourenço Marques, o commissario regio Antonio Ennes, que se destina a dominar a revolta instigada pelo Gunguhana, regulo de Gaza.



INTERVALLO INTERVALLO



DIA 7:

1325: — *Morte de D. Diniz, rei de Portugal* — « O Lavrador e o Pae das musas portuguezas ». Bom administrador, justo e energico. Protegeu e desenvolveu a agricultura; fortaleceu cidades e vilas; intensificou a exploração mineira; fundou a Universidade de Lisboa e o Mosteiro de Odivelas.

Foi no seu tempo que tomou vulto a construção naval. Morreu deixando o paiz rico e prospero.

DIA 8:

1783: — *Alvará* determinando providencias tendentes a promover e facilitar o commercio entre *Macau* e o *Brazil*.

1902: — *Morte de Mousinho d'Albuquerque*.

DIA 10:

1499: — *Vasco da Gama* descobre o *Rio do Cobre* (terra da Boa Gente) que Major supõe ser Inhambane.

DIA 11:

1218: — *Confirmação da Coróa Portuguesa*, em D. Afonso Henriques por bula do papa Honorio III.

DIA 13:

1750: — *Tratado Luso-Espanhol de limites, na America do Sul*. Foi assinado em Madrid entre o Visconde de Vila Nova de Cerveira, D. José Carvajal y Lencastre por parte de Espanha.

DIA 18:

1811: — Na tomada de Ciudad Rodrigo pelas tropas anglo-portuguezas comandadas por Wellington distingue-se particularmente um destacamento portuguez de artilharia que foi ao assalto e entrou pela brecha com verdadeiro heroismo.

DIA 19:

1482: — Diogo de Azambuja aporta á costa da Mina para fundar a fortaleza e povoação de S. Jorge.

DIA 21:

O capitão de artilharia José Pinto Alcanforado de Azevedo e Sousa, comandando 6 navios com 118 peças e 700 homens, desbarata o celebre pirata Cam-Apó-Sai que se entregou depois ao onvidor de Macau, Miguel d'Arriaga Brum da Silveira com toda a sua esquadra: — 270 juncos, 16.000 homens, 5.000 mulheres e 1.200 peças de artilharia.

DIA 28:

1866: — Inaugurou-se em Macau na gruta de Camões o busto do poeta.

1908: — Rebenta em Lisboa a 2.ª revolução republicana.

DIA 31:

1891: — Primeira sublevação no Porto, que visou á implantação da Republica.

O I PORTUGAL - AUSTRIA EM FOOT-BALL

O I Portugal - Austria em Foot - ball que se realizou no Porto, perante uma assistência numerosíssima e entusiasmada, terminou com a vitória da selecção austríaca por 3 «goals» a 2



Nunes, do F. C. do Porto e Soeiro do S. C. de Portugal, foram os autores das duas bolas marcadas pelo «onze» nacional



Ao contrário do que se esperava, a defesa dos portugueses foi superior ao ataque, sendo Simões e Albino os melhores em campo



Os portugueses, que se souberam impôr duma maneira geral às rápidas e acertadas jogadas dos visitantes, portaram-se de forma a honrar o foot-ball Português



«Semana Portuguesa», publicando a fotografia da Selecção Nacional, rende-lhes assim, uma merecida homenagem



São êles: De cima para baixo e da esquerda para a direita: Soares dos Reis, guarda-redes; Simões e Gustavo, defesas; Albino, Rui e Carlos Pereira, médios; Pireza, Soeiro, Pinça, Mourão e Nunes avançados

EXPERIMENTEM
V. EX. AS
OS NOSSOS
BLOTES



OLHA. ATE
O PAPAGAIO DIZ QUE
OS MELHORES CAFÉS
SÃO OS DA

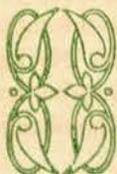
TAÇA
DE
OURO



ROCIO, 114 - LISBOA

Delicioso	Kilo 12\$00
Taça de Ouro.....	» 9\$60
Combatente	» 7\$60
Familiar.....	» 5\$60
Cevada vulgar.....	» 2\$40
» Santa Especial	» 3\$60
» com chicoria..	» 4\$00

CAMINHO
DO CEU
— D E —
R u y
Chianca



Em seu alto castelo, erguido noutras aras
Por um forte senhor que vivera rugindo
A castelan divaga, olhando a noite e ouvindo
Cantar os rouxinóis e rebramir as feras,

Bailam sombras na sala imensa, antiga e fria.
Talvez sombras do amor que ali viveu outrora
Se acaso o amor viveu neste castelo um dia!...
Dorme o galgo no chão e o nebrí na alcandora.

Silencioso e deserto, o gigante feudal
Aos abismos impõe o orgulho das muralhas.
O castelão partiu ancioso de batalhas;
E a castelan ficou, anciosa de Ideal!

Nem clarão de almenara ou chama de candeia
Rasga em traços de luz o monstro ameaçador.
E a linda castelan seus olhos incendeia
P'ra alumiar no sonho uma visão d'amor. e.

Figurinha gentil de princesa encantada,
Inclina-se a escutar a trova de desejos
Dum menestrel que leva á sua bem amada
O presente real dum garavim de beijos;

Mas desfez-se o cantar... fôra engano decerto...
Uma treva de morte, um silencio de espanto
Amortalha, enregela o castelo deserto...
E a castelan desfia as bagas do seu pranto.

Gotas feitas de luz, são diamantes de magua,
Dos seus olhos caindo á seda do vestido;
Olhos que o amor tornou em fontes d'agua
Duas fontes d'amor ignorado e perdido!

Então a sua voz, duma ternura imensa,
Rasga a noite e desperta os ecos das quebradas
Morre longe o bramir, treme a vida suspensa...
Calam-se os rouxinóis na sombra das ramadas!

E do seu alto castelo,
Onde não mora o amor,
Embala a triste o desvelo
Da sua dor,

Em toadas luminosas
De tão claras melodias,
Que fazem florir as rosas
E cantar as cotovias;

* * *

— «O' minh'alma! Peregrina
De beleza!
Não se avista a luz divina,
Deste vale de tristeza!

Meu fragil corpo cansado,
Que te serve de clausura,
Já sangra na rocha dura
Do caminho angustiado!

E á noite, á sombra, ao mistério
Que nos envolve e nos prende;
A Deus—Senhor do etéreo,
Que tão alto se defende—;

Ao que palpita na treva
E ao que não tem coração:
—Perfume que o vento leva,
Folha caída no chão;—

Ao silencio tumular,
Que a tudo estende o seu veu,
Pergunta o meu soluçar;
—Qual o caminho do ceu?!—

E nada, ninguém responde
A este bradar suplicante!
Minh'alma! Vamos... por onde?...
Se tudo é treva adiante?!... —

E do trono real da fantasia,
Sobre os altos degraus do pensamento,
Baixou a alma os seus olhos um momento,
A' tortura sem par desta agonía.

—«Corpo meu! Fraco e mesquinho!
Porque sofreste tu n instante,
Já vacilas, pobresinho
Na escalada triunfante?!...
Nada temas nem te espante!
Virá luz ao teu caminho!...
Segue ávante! —»

Minh'alma! Não posso mais
No lutar sobrehumano!
Todos os teus ideais
São fumo, sombras, engano!...

Prometes luz deslumbrante
A' noite que me conduz:
—Anda corpo, segue ávante!—
E eu sigo ávante sem luz!

—Vês essas rosas vermelhas
Que vão guiando os teus passos?
São tuas... estende os braços!...
Corro um pouco!... me aconselhas.

Vou tomá-las: fogem! Corro:
Correm as rosas de sangue!
Páro: param! Caio exangue:
E elas espreitam se eu morro!

Sobre o meu rosto inclinadas
Vejo as tais rosas, por fim:
Minhas mãos ensanguentadas!...
Rosas de estranho jardim!...

Minh'alma! Pára um instante
O mentiroso escarcéu!
Não irei mais adiante...
Não ha caminhos p'ra o ceu! —

* * *

E a castelan cantando a gesta do sofrer,
Aos misterios da noite, busto airoso inclina.
Um doce encantamento, um místico prazer
A terra negra envolve e as sombras ilumina

E' a historia do Amor, da Fé, da Ilusão
No assalto do Ceu! Na luta sem igual
Dum pobre coração
Secreto de Ideal!

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

DA

JUNTA DE FREGUESIA DE S. JOSÉ



JOÃO BORGES D'OLIVEIRA

*Presidente da Junta de Freguesia
de S. José*

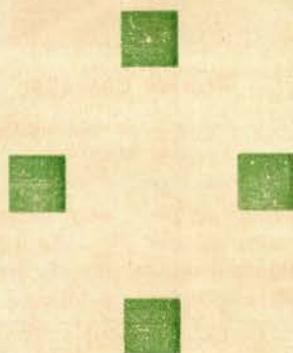


QUE INTELIGENTEMENTE VEM



JOÃO NUNES D'OLIVEIRA

*Secretário da Junta de Freguesia
de S. José*



ANTÓNIO DA COSTA

Tesoureiro da Com. Adm. da Junta de Freguesia de S. José

DIRIGINDO OS SEUS DESTINOS

CINEMA

A nossa revista não pode dispensar-se de dedicar uma página ao cinema. Se é certo que, actualmente, os grandes artistas de Teatro, são chamados a exhibir os seus méritos no ecran, não deixa de ser exacta a afirmativa de que, no seu início, os artistas cinematográficos não pisavam a ribalta. Entre estes, figura, com real destaque, Maurice Chevalier, artista querido dos amadores de cinema, ao qual com a publicação do seu retrato, rendemos as nossas homenagens.

S. LUIZ

O S. Luiz estreou um filme genial, invulgar, duma categoria e dum interesse indiscutíveis, e que deve merecer a melhor atenção, por parte do público. «O Denunciante» é com efeito uma das obras mais notáveis que a cinematografia, nestes últimos tempos, nos tem dado. Realizado com uma pujança formidável, com uma interpretação sublime. «O Denunciante» evoca-nos os dias trágicos da Irlanda, após as revoluções republicanas de De Valera. Um dos implicados, por amor duma mulher, sacrifica um amigo — entrega-o às tropas governamentais. Desde então o remorso e os revoltosos, que pretendem vingar o correligionário morto, perseguem-no impiedosamente. E o denunciante nunca mais tem um instante de socêgo... o film é a história do seu calvário, a sua existência agitada, no lapso de tempo que medeia entre a ignomínia da denúncia até à consumação da vingança dos outros.

«O Denunciante», filme duma beleza incomparável, é destas películas que a partir da primeira imagem empolgam o público e o mantêm ansioso, suspenso, num «crescendum» de interesse até o final. A accção decorre entre as seis horas da tarde de um dia até à uma da madrugada do seguinte. As scenas desenrolam-se, sem

uma quebra de ritmo e de tempo, através de episódios dum realismo intenso, por vezes brutal — que maravilham.

Vitor Mac Laglen, êsse interprete prodigioso, que vimos noutros tempos, em films como «O Preço da Glória» e «Uma companheira em cada porto», tem uma criação verdadeiramente assombrosa. A figura de Gypso, por êle desenhada com um poder e uma minúcia que convencem, iguála-o aos maiores da tela! E' um actor colossal! A seu lado, Margot Graham, uma revelação, como mulher lindíssima e artista de inegável mérito, que é.



Maurice Chevalier

o grande e qu'ado artista
cinegrafico

Duzentos directores independentes dos Estados Unidos, acabam de designar as dez vedetas que lhes dão mais dinheiro a ganhar. Não serão as melhores, mas são as de maior rendimento. E' curioso dar os nomes que são: Shirley Temple, Will Rogers, Clark Gable, Fred Astaire, Ginger Rogers, Joan Crawford, Claudette Colbert, Dick Powell, Wallace Beery, Joe Brown e James Cagney.

Como se vê poucos artistas de categoria estão nesta nota. Não contam Greta Garbo, nem Marlene, nem Norma Shearer, nem Grace Moore.

As plateias, em todo Mundo sofrem o momento trepidante de uma grande desorientação estética e artística!

BRAZ & BRAZ, LIMITADA

Casa fundada em 1777

Antiga Casa Joaquim Vaz Pinheiro

Telefone 2 7983

TRAVESSA DOVA DE S. DEMÍDIOS, 36 A 42, 1. - LISBOA

Armazem de vendas por atacado e a retalho

Louças, vidros, esmaltes, folha, zinco, talheres e artigos de fantasia

Revendedores do Esmalte Guerreiro

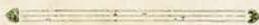
Vendas pelos preços das Fábricas





IZIDORO D'OLIVEIRA & C. (Irmãos)

Importadores e Exportadores

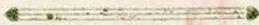


Fábrica de Chouriços.

Banhas e Azeites e



Armazens de cereais em MONTIJO



ESCRITÓRIOS

Rua da Bela Vista - MONTIJO

Rua do Ouro, 140 - 1.º - LISBOA

END. TELEG. IZIMAVEIRA - MONTIJO

LISBOA

Telefone

2 7064

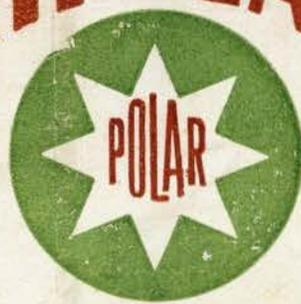


Oleos para Aviões e Automóveis

REXOLINE MOTOR OILS

LUBRIFICANTES

SPECIAL
LUBRICATING
OILS



SUPER
MOTOR
OILS

100% PURO
PENNSYLVANIA

PARA AUTOMOVEIS

E TODOS OS MAQUINISMOS EM GERAL

DETIIDOS PELO MAIS 'MODEERNO PROCESSO DE REFINAÇÃO E ABSOLUTAMENTE
ISENTOS DE HIDROCARBONETOS ASFALTICOS E NAFTENICOS

Os **Rexoline Motor Oils** embora sejam 100% base parafinica são diferentes de todos os outros lubrificantes existentes no mercado.

Manteem-se fluidos a baixa temperatura.

Possuem o mais alto indice de viscosidade em relação ao seu elevado grau de untuosidade

Menor Consumo! Maior Rendimento!

Importadores e Distribuidores

M. F. FREITAS, & C.ª

Sob a Gerência e Direcção Técnica de

R. C. RIBEIRO
da antiga firma

COSTA RIBEIRO, & C.ª L.d.ª

Séde:

16, Avenida 24 de Julho, 18 B
Telef. 2 8036 e 2 8047

Filiais:

Avenida dos Aliados, 26 — Porto
Telef. 4604

Rua Dr. Manuel Rodrigues — Coimbra
Telef. 170

Agências nas principais terras do País